

## Apresentação

### Gênero, religião e modernidade

*Sandra Duarte de Souza\**

A pergunta pelas novas composições religiosas, fruto da modernidade, não escapa aos questionamentos de gênero. Pensar as mais diversas expressões religiosas, em sua forma institucionalizada ou não, demanda perguntar pelas construções de gênero que marcam seu discurso e suas práticas rituais, sua cosmovisão e seu *ethos*. Gênero, Religião e Modernidade, a escolha do tema da Mandrágora 10 traduz a preocupação que acompanha a revista desde o seu primeiro número: entender o binômio gênero e religião a partir do debate de temas que nos tocam em nosso cotidiano.

No ocidente cristão, em um contexto de secularização, talvez pudéssemos discutir a perda do poder significante da religião, que pode ser um importante indicador de que ela, nesse processo de periferização, por ter sua força de significado relativizada, já não consegue sustentar-se como único referencial de sentido para os sujeitos sociais. Isso poderia nos ajudar a entender, por exemplo, por que em um país de maioria católica, o maior índice de pessoas que aprovam o aborto nos casos previstos na lei está entre católicos; ou ainda, por que, a despeito das prerrogativas da igreja, a iniciação sexual de um contingente cada vez maior de pessoas não mais espera pela bênção religiosa para se concretizar. Além disso, as composições familiares são cada vez mais diversas daquela idéia de família nuclear, defendida a ferro e fogo pelas mais variadas instituições religiosas. Mas, esse fenômeno não é linear. Se, por um lado testemunhamos essa fragmentação do significante religioso, por outro a resistência tradicionalizadora das religiões reafirma constantemente seus dogmas e doutrinas, em um esforço contínuo de manutenção do poder religioso como poder significante.

Neste número de Mandrágora, a pergunta pela recomposição das relações entre religião e modernidade está presente na contribuição de cada uma de nossas articulistas. Em um artigo escrito a "oito mãos", Maria das Dores Campos Machado, Christiane Guimarães, Clara Oliveira e Carla Barrígio analisam o engajamento de mulheres oriundas de comunidades evangélicas na política partidária, sugerindo que as representações de gênero em tais comunidades podem sofrer mudanças significativas devido essa inserção política de suas fiéis. Magali do Nascimento Cunha se

---

1. Doutora em Ciências da Religião, professora do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Universidade Metodista de São Paulo – UMESP e uma das coordenadoras da Revista Mandrágora: Grupo de Estudos de Gênero e Religião/NETMAL.

debruça sobre a participação da mulher no panorama musical evangélico, analisando a inserção feminina no mercado de música *gospel* como mais um produto da chamada “indústria cultural”. Eliane Moura discute gênero e religião a partir da análise da participação de mulheres na fundação e liderança de movimentos metafísicos. A experiência pentecostal e a inversão da hierarquia entre corpo e alma é o objeto do artigo de Claudirene Bandini. A autora analisa como a separação entre corpo e alma é subvertida nas práticas rituais pentecostais, nas quais o corpo confere a identidade social do grupo. A necessidade de elaboração de novas maneiras de compreender a sexualidade pelo universo religioso é o tema abordado por Mary Hunt. A pergunta fundamental da autora é pela articulação entre o pensamento religioso sobre sexualidade e o vivido pelos sujeitos sociais. O vivido, a experiência, demanda uma urgente reelaboração do conhecimento religioso nessa matéria. Rosemary Radford Ruether discute as implicações do processo de globalização sobre as mulheres e como as mesmas despontam como sujeitos de resistência e crítica a esse processo pela participação em movimentos de espiritualidade ecológica. A entrevista com a teóloga Marcella Althaus-Rheid segue nessa mesma perspectiva, discutindo a importância da sexualidade para a elaboração teológica.

A temática de nossa revista – Gênero, religião e modernidade – abre muitas possibilidades de análise, e essas são algumas delas e a elas queremos acrescentar outras. Os textos da Revista Mandrágora são questionadores e provocadores. Essa é a base da dinâmica do conhecimento. Assim, que continuem questionando e provocando!

Boa leitura!